

Diogo Prado Fleury de Andrade

A Ocupação Enquanto Estratégia de Ação Política do Movimento Secundarista em Goiânia

Trabalho de Conclusão de
Curso
apresentado na
Universidade de Brasília
como requisito para
conclusão do curso de
Ciência Política

Orientadora: Profa. Dra.
Marisa Von Bülow

Brasília, 2016

INTRODUÇÃO

Ensino público de qualidade é, sobretudo, um direito fundamental que deve ser assegurado pelo Estado aos seus cidadãos. Políticas que interfiram na gestão das escolas do ensino público necessitam ser discutidas não apenas por peritos, mas também por alunos, professores e pela sociedade que será diretamente afetada, como sugere a Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

No início de 2015, assim que assume o Governo de Goiás, Marconi Perillo expressa à sua equipe a intenção de aplicar um novo projeto de gestão para a educação pública goiana. Semelhante ao que havia feito com a saúde pública do Estado, a proposta seria realizar uma gestão compartilhada com Organizações Sociais (OS's), que administrariam os colégios sob supervisão e fiscalização do Governo, responsável por estabelecer metas e diretrizes de ensino.

No entanto, ao longo do ano, não houve diálogo sistemático entre Governo e sociedade, o que levou a uma forte resistência de segmentos sociais quanto à política de educação pretendida. Organizados, passaram a protestar por meio de atos de rua, reivindicando o adiamento da implementação do projeto – prometido para o início de 2016 - e um processo de deliberação mais participativo e transparente.

Não tendo suas reivindicações atendidas pela Secretaria de Educação, no início de dezembro de 2015 o Movimento Contra a Terceirização do Ensino muda sua estratégia de ação e ocupa a Escola Estadual José Carlos de Almeida (JCA). A ocupação gera uma onda de ocupações escolares por todo o Estado, fazendo nascer o Movimento Secundarista goiano, em que os estudantes secundaristas passam a ter protagonismo na luta contra as OS's.

Através da estratégia das ocupações, a luta contra o novo projeto de gestão educacional do Governo ganha publicidade e começa a ser pautada na sociedade. Por fim, em março de 2016 o edital é adiado, representando uma primeira vitória do Movimento sobre o Governo.

O objetivo primordial deste estudo é entender as razões que levaram à escolha da ocupação como estratégia de ação principal do movimento em dado momento da luta. Além disso, o trabalho busca entender o papel dos usos das

mídias sociais pelo movimento secundarista e ainda, analisar como este se estruturou para garantir a eficácia de seu repertório de ações.

Para atingir os fins esperados, realizo aqui um estudo de caso, método de análise de processos organizacionais da sociedade em contextos específicos. Essa estratégia de pesquisa empírica se vale da coleta de dados via entrevistas para análise. O estudo é, portanto, analítico, qualitativo, com recorte na cidade de Goiânia durante o período que vai de outubro de 2015 até março de 2016. Essa escolha de recorte está associada ao período de maior organização e atividade do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, que a partir de dezembro de 2015 se muda, formando o Movimento Secundarista goiano. Esse, consegue o adiamento do edital que estabelecerá as OS's para o novo projeto de gestão, em março de 2016.

A metodologia utilizada para a realização do presente estudo de caso combina análise documental, análise de mídia social e entrevistas semi-estruturadas.

A análise documental busca estudar a cobertura midiática e serve como fonte de informação sobre as ações oficiais tomadas por cada instituição e organização envolvida no conflito ideológico sobre a mudança na gestão das Escolas Públicas.

O mapeamento da página de facebook dos Secundaristas em Luta (GO) nos dá condições de entender qual tipo de abordagem e conteúdo tiveram maior alcance e nível de envolvimento durante as diferentes estratégias de ação adotadas pelo Movimento.

Já as entrevistas buscam captar as impressões e expectativas dos participantes do Movimento Secundarista acerca do processo de escolha das estratégias de ação do Movimento - em especial das ocupações realizadas nas escolas públicas e na própria Secretaria de Governo.

Cinco pessoas foram selecionadas para a realização das entrevistas, entre elas: apoiadores ativos nos atos contra a “terceirização das escolas públicas” e alunos secundaristas envolvidos nas três primeiras ocupações realizadas em colégios estaduais de Goiás: Colégio Estadual José Carlos de Almeida (JCA), Colégio Estadual Robinho Martins de Azevedo (Robinho) e Colégio Lyceu de Goiânia (Lyceu).

É importante que tenhamos o depoimento de integrantes das ocupações realizadas nessas três escolas porque, sendo as pioneiras, terão melhores condições de nos elucidar acerca do processo de escolha dessa estratégia específica de ação para o Movimento, que até então não a tinha utilizado.

HISTÓRICO

A educação pública administrada por OS's surge como importante projeto político do mandato de Marconi Perillo no início de 2015, assim que assume seu cargo e se reúne com o Secretariado para repassar as primeiras metas do Governo. O modelo de gestão público-privado na educação, ainda não tão disseminado no Brasil, *“em parte porque a Lei das Diretrizes Básicas da Educação (LDB), de 1996, estabelece que recursos públicos só podem financiar escolas comunitárias, confessionais e filantrópicas em forma de bolsas de estudos”*¹, funcionaria aos moldes das “Charter Schools”, com maior autonomia administrativa e regime celetista para os professores, em Goiás.

A história das Organizações Sociais (OS's) na gestão de áreas estratégicas do governo do Estado de Goiás começa em 2011 através do setor da Saúde. Neste ano, as principais unidades hospitalares goianas foram repassadas para a administração das OS's, que trabalhariam segundo metas fixadas pela Secretaria de Saúde do Estado.

Era enfatizado seus supostos ganhos na agilidade e flexibilidade da administração, menos burocratizada que a do modelo anterior. Essas vantagens, entretanto, para serem potencializadas, demandariam a melhoria nos mecanismos de controle por parte do setor público. Isso, afim de evitar irregularidades nos repasses de recursos e fixação de sobrepreços em insumos e serviços, realidade em casos de gestão semelhantes em unidades de saúde do Rio de Janeiro².

A princípio, o modelo de gestão trouxe dúvidas quanto à sua eficácia, porém acabou sendo adotado sem grande resistência da sociedade. Anos

¹ <http://www.jornalopcao.com.br/reportagens/estado-deve-implantar-oss-na-area-da-educacao-aos-moldes-das-charter-schools-americanas-2-25931/>

² <http://oglobo.globo.com/rio/das-dez-oss-que-operam-no-municipio-oito-estao-sob-investigacao-18494571>

depois, ainda que dividindo opiniões quanto a sua real efetividade ³, serviu de exemplo para que o Governo buscasse empreender parceria semelhante para a gestão da educação do Estado.

O primeiro passo no desdobramento dessa meta ocorre em abril de 2015, quando o Governo envia para apreciação da Assembleia projeto que prevê que as OS's poderão atuar na gestão de ensino profissional e tecnológico ⁴. Dois meses mais tarde, um projeto que dispõe sobre a transformação de oito unidades de ensino público em colégios militares é enviado em caráter de urgência para a Assembleia Legislativa. Nele, o Governador justifica a necessidade da transformação *“em razão dos bons resultados apresentados pelos colégios militares, que proporcionam rigoroso padrão de qualidade, primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (Ideb) de Goiás e destaque no Enem”* ⁵.

É nessa época que a combinação entre administração privada e militarização da disciplina de ensino passa a ser utilizada como piloto em escolas recém-construídas em Águas Lindas, no entorno do Distrito Federal. Divergências internas quanto à melhor forma de se aplicar essa parceria, no entanto, ainda eram realidade no Governo. Raquel Teixeira, Secretária de Educação, temia que, por não apresentar o lucro como finalidade – como no caso da Parceria Público-Privada (PPP) – as OS's poderiam deixar a desejar na transparência orçamentária ⁶.

O embate entre Secretária e Governador tornou-se público ao longo do ano de 2015, quando contradições entre declarações de ambos se tornaram constantes. A tensão quanto ao projeto político para a educação tornou-se tamanha a ponto de Raquel Teixeira considerar a renúncia ao cargo em junho do mesmo ano ⁷.

A primeira manifestação de rua contra a proposta de gestão educacional por OS's aconteceu em abril de 2015, em um ato “puxado” pelo Sindicato de

³ <http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2016/02/em-goias-gestao-da-saude-por-os-nao-melhorou-a-saude-publica-7557.html>

⁴ <http://www.opopular.com.br/editorias/noticias/politica/giro-1.145054/governo-da-o-1-passo-para-implantar-os-na-educacao-profissional-1.820731>

⁵ <http://www.dm.com.br/cotidiano/2015/06/governo-envia-a-assembleia-mensagem-para-criacao-de-mais-oito-colegios-militares.html>

⁶ <http://www.sinprodf.org.br/estado-de-goias-prepara-terceirizacao-de-escolas-3/>

⁷ <http://www.jornalopcao.com.br/bastidores/raquel-teixeira-admite-que-pode-deixar-a-secretaria-da-educacao-diz-que-esta-apanhando-de-todo-mundo-38825/>

Trabalhadores em Educação de Goiás (SINTEGO). A manifestação, no entanto, não tinha a pauta específica e exclusiva da gestão educacional por OS's, abordando também Projetos de Lei de reajuste do piso salarial e do Estatuto e Plano de Cargos e Vencimentos.

É a partir de outubro, quando o Governador Marconi Perillo confirma a gestão da educação pública por OS's para o início de 2016, que há um maior ordenamento do Movimento contrário a proposta. São três atos de rua em que o Movimento pede o adiamento do edital e a abertura do diálogo entre Governo e sociedade. Neles, a truculência policial ganha tônica e a sociedade goiana começa a abrir os olhos para a luta em curso.

No início de dezembro, durante o que seria o 4º Ato Contra a Terceirização do Ensino, uma mudança na estratégia de ação do Movimento transforma decisivamente os rumos da luta contra as OS's na educação pública de Goiás. Começava a produção de poder espacial autônomo e antiestatal via ocupação. Começava o protagonismo dos estudantes secundaristas na luta.

O primeiro ato que eu participei contra as OS's foi um ano antes de começarem as ocupações. Um ato puxado pelo SINTEGO quando ainda estavam se discutindo. Quando o Governador mandou pra Assembleia nós fizemos uma manifestação e tal, mas foi uma coisa muito incipiente, né? Mas do processo mesmo das ocupações, eu participei da marcha que saiu lá da porta do Lyceu e ocupou o JCA. Então assim, a gente já tinha começado este debate um tempo antes né? O próprio debate da terceirização que é muito mais amplo, na verdade. Ele começa com a saúde, com aquele primeiro passo que foi dado aqui e, infelizmente a classe aceitou passivamente. E a própria educação teria aceitado passivamente se não fosse a reação dos próprios estudantes né? Foi uma coisa muito reativa. A classe se organizou a partir dos estudantes. Porque os professores já tinham dado aquilo meio que como uma causa perdida enquanto não institucionalidade. Acho que não teria mais ato de rua e tal. Eles trabalhariam mesmo a questão de entrar com processo juridicamente, tentar barrar no Conselho de Educação... tinham sim uma articulação que era muito mais institucional. Mas o que trouxe realmente esse caldo e reacendeu essa chama foram as ocupações. (SANTANA, Deryk)⁸

O CONTEXTO LATINOAMERICANO E A INSPIRAÇÃO PAULISTA

⁸ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

O primeiro obstáculo a ser superado para a realização do presente estudo diz respeito à teorização dos movimentos sociais. Essa dificuldade deve-se em parte ao fato de os movimentos serem fluidos, transitórios e acontecerem em espaços não consolidados das estruturas e organizações sociais, questionando-as e propondo novas formas de organização à sociedade política (GOHN, 2014, p.20). Além disso *“eles são uma lente por intermédio da qual problemas mais gerais podem ser abordados, e estudá-los significa questionar a teoria social e tratar de questões epistemológicas como: O que é ação social?”* reforça Melucci (1994, p. 190).

Essas dificuldades somam-se ao difícil esforço de se produzir uma literatura científica que, ainda que reconheça as especificidades de cada movimento social, consiga analisar a “geopolítica do conhecimento” (MIGNOLO, 2001) latinoamericano; isto é, analisar aspectos sociais comuns através de pontos-chave da história política da região, problematizando e enriquecendo a relação teoria-empíria-teoria de forma insubstituível (FALERO, 2014). Há, portanto, necessidade de complexificar as ferramentas conceituais para poder dar conta de um panorama diverso de vínculos sociais que promovem interesses coletivos (GOHN, 2010).

Um aspecto forte da singularidade contextual da América Latina é, por exemplo, a exarcebação das diferenças sociais, muito abordada por cientistas sociais da região, principalmente durante a década de 1970. Promover uma geração de estudos que tenda a se localizar na *“construção de conhecimento mais comparativo de realidades, mais transversal a partir dos distintos subtemas, mais organizador do conhecimento já acumulado e em construção, mais provocador de criatividade”* (FALERO, 2014, p.38) é produtivo no sentido de estabelecer quadros de análise para um aprofundamento do debate dos Movimentos Sociais enquanto forças de reivindicação coletiva antiestatal no contexto da América Latina. *“Uma forma de raciocínio excessivamente preocupada com a delimitação desperdiça a extraordinária riqueza de conexões conceituais que supõe o estudo dos movimentos sociais na região.”* (FALERO, 2014, p. 42)

O objeto do presente estudo é prova do contexto relacional às quais os movimentos estão submetidos. O Movimento Secundarista Goiano se formou a partir de uma inspiração do Movimento Secundarista Paulista que, por sua vez,

teve como referência o Movimento Estudantil Chileno que eclodiu em 2006 e posteriormente em 2011. Nos casos brasileiros, a organização autônoma e autogestionária, espelham uma tendência recorrente em movimentos sociais latinoamericanos – principalmente de setores jovens – do século XXI. Uma das razões para isso é a ascensão da “esquerda institucional” do início do século que levou ao escritório boa parte das lutas que antes eram das ruas (SINGER, 2009).

Com a ascensão de governos de corte progressista ou da esquerda institucional na região entre 1999/2000 e 2010/2011 produziu-se uma cooptação inerente das agendas emblemáticas dos movimentos por parte dos Estados. Isto resulta em um aparente deslocamento do centro das discussões em torno das opções de mudança política e social na região (ZIBECHI, 2011), e uma inevitável radicalização das práticas autonômicas em chave não estatal (PRECIADO & UC, 2014, p.82)

Do mesmo modo, a estratégia da ocupação vem sendo bastante utilizada como tática de ação direta para forçar um diálogo institucional quando este é ausente, como explica Deryk Santana, ativista do movimento goiano.

A ocupação é o último momento, né? A linha de ação direta acontece quando a linha institucional deixa de funcionar. Hoje nós sabemos que o Governador tem tranquilidade na Assembleia. Nada na assembleia a oposição consegue encaminhar. E o Ministério Público é extremamente leniente nessa parte. Quando as vias institucionais se esgotaram, quando as pessoas tentaram de todas as formas e não deu certo - e isso é um Movimento que veio antes, com os professores e técnicos - a gente partiu pra ação direta. Como houve um Movimento de manifestação por ocupação que funcionou muito bem em São Paulo e que hoje vem sendo replicado não só aqui no Brasil, mas em outros países da América Latina: tem escola sendo ocupada pra todos os lados e é uma tática já utilizada por outros Movimentos que funciona...nós decidimos. Quando você não consegue diálogo você força o diálogo. A partir desse momento é a ocupação de prédio público, é a ocupação de terra, é a tática que você realmente força o Governo ao diálogo. A gente já estava discutindo isso há algum tempo. Tinha essa coisa de que poderia ficar muito incipiente porque estava muito no final do ano. Eram as últimas semanas de aula. Tinha um público reduzido em algumas escolas, outras cumpriam o calendário de greve e estavam mais movimentadas. Tinham quinze ou vinte dias pro natal. A discussão era: “Se a gente começa este ano pode ser que dê uma quebrada por causa do natal e ano novo. Ou então vamos começar ano que vem, mas ano que vem talvez as OS’s já passaram, então não tem tempo”. Começou essa discussão pra gente realmente tentar viabilizar e forçar o Governo ao diálogo. E até hoje a gente realmente não conseguiu que

ele dialogasse com ninguém né? Por outras vias conseguimos vitórias importantes.
(SANTANA, Deryk)⁹

As pautas de tais movimentos, mesmo que específicas em cada caso, são dotadas de apoio de outros movimentos estudantis. Há uma forte solidariedade interregional pela identificação dos indivíduos enquanto semelhantes: são todos estudantes secundaristas lutando contra imposições de um Estado que falha em sua função democrática. Essa solidariedade é confirmada através dos relatos dos entrevistados e a partir da análise do alcance e engajamento das publicações da página de facebook do movimento “Secundaristas em Luta – GO” quando citado o apoio do movimento paulista às pautas goianas (vide anexo 1, data 13/12/15).

O Movimento de ocupação em Goiânia foi espelhado muito no Movimento de São Paulo, que a gente viu que tava funcionando e tinha uma visibilidade muito grande. São Paulo e Goiânia tiveram ocupações em um período que se cruzou. Vieram secundaristas de São Paulo pras ocupações, pra trocarmos experiências sobre o que é a luta pra eles e para nós e para conhecermos as pautas uns dos outros. Eles foram na reunião do Comitê dos Secundaristas aqui, assim como representantes dos secundaristas daqui foram pra São Paulo conhecer as ocupações de lá. Então houve essa troca enquanto Movimentos. (MATHEUS, Vicente)¹⁰

O movimento estudantil chileno lutava por um série de reformas entre o fim da municipalização do ensino, a reformulação da Jornada Escolar Completa e a gratuidade do transporte escolar; o movimento paulista destacava a oposição à reorganização escolar proposta pelo Governo do Estado; o movimento goiano tem como pauta principal a não implementação da gestão educacional por OS's. Todos, em essência, lutam, no entanto, pela melhoria de um modelo educacional obsoleto que espelha as deficiências sociais da região latinoamericana quanto à igualdade de oportunidades. Segregação espelhada, inclusive, no próprio Movimento, como analisaremos a seguir.

⁹ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

¹⁰ Entrevista realizada pelo autor com Vicente Matheus, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

A DECISÃO PELA OCUPAÇÃO

Porque não teve diálogo. Tiveram três manifestações: a primeira foi pra dialogar com a sociedade em um ato na praça cívica; a segunda foi na frente do Palácio com a pauta: “Não queremos que vocês empurrem esse projeto educacional goela abaixo sem discutir. Queremos audiência pública e debate sobre a questão das Organizações Sociais (OS’s) administrando a educação pública”. No último ato, em baixo de chuva, fomos até a Secretaria de Educação e chamamos a Raquel Teixeira, que desceu e se comprometeu com a marcação de audiência pra debater as OS’s. O Sindicato de Trabalhadores em Educação em Goiás (SINTEGO), que é o famoso sindicato pelego – que não representa de fato a categoria – tinha feito um debate com a Secretaria de Educação e a Raquel alegou isso. Mas nós, enquanto estudantes e professores não representados pelo SINTEGO, batemos o pé por outra reunião do Governo com a sociedade e ela confirmou que seria marcada. Isso não aconteceu e no início de dezembro acabamos marcando um 4º ato na porta do Colégio Lyceu. Foi quando houve a ocupação do Colégio José Carlos de Almeida (JCA). Esse foi o divisor de águas. Quando a galera ocupou foi com o grito: “Nós não queremos mais diálogo. Nós queremos que vocês atendam nossas reivindicações: não vai ter OS’s e não vai ter mais militarização das escolas”. (XAVIER, Lucas)¹¹

Essa é a resposta de um ativista da luta contra a terceirização do ensino público em Goiás quando questionado acerca dos motivos que levaram à adoção da estratégia das ocupações pelo Movimento. Essa decisão acabou interferindo decisivamente nos rumos que a luta tomaria, bem como, na composição do Movimento, que se ampliaria e mutaria sua identidade.

Mas o que define um Movimento Social? Quais são as condições para sua existência?

Um Movimento Social, segundo Tilly (2009, p.142), combina:

- 1) campanhas de reivindicações coletivas dirigidas a autoridades-alvo
- 2) conjunto de empreendimentos reivindicativos, incluindo associações com finalidades específicas, reuniões públicas, declarações à imprensa e demonstrações
- 3) representações públicas de valor, unidade, números e comprometimento referentes à causa

¹¹ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

Em suma, é uma reivindicação coletiva com objetivos comuns, que se utilizará de simbologia e repertório de ação específico para garantir a unidade e a continuidade das requisições solicitadas às autoridades-alvo.

A concepção de repertório de ação, neste caso, deve ser compreendida tanto estruturalmente, quanto culturalmente. Isso porque envolve “*não apenas o que as pessoas fazem quando estão engajadas em um conflito com outros, mas o que elas sabem sobre como fazer e o que os outros esperam que façam.*” (TARROW, 1997, p.15).

Tilly define repertório de confronto (a ação de um Movimento Social é essencialmente confrontiva) como “*as maneiras através das quais as pessoas agem juntas em busca de interesses compartilhados, identificando um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e executadas através de um processo relativamente deliberado de escolha.*” (TILLY, 1995, p.41).

Significa dizer que os participantes de um Movimento se despem de certas identidades de sua autonomia individual no intuito de formar uma identidade mais coesa e homogênea do Movimento enquanto coletivo. Uma “*bolha intacta*”, segundo Mische (2015).

No entanto, este exercício de supressão das identidades individuais para homogeneização da identidade coletiva é especialmente difícil nos tempos modernos, em que as autonomias pessoais são reforçadas pelo grande volume de informações diversas compartilhadas instantaneamente entre diferentes pontos do mundo. Esse embate marcará o Movimento Secundarista de Goiás em sua base. Horizontal, em essência, o Movimento que prezava pelo não levantamento de bandeiras apresentará rachaduras no momento em que integrantes sobrepujarem aspectos de suas identidades individuais à identidade do grupo, como veremos nas seções seguintes.

A estratégia da ocupação foi decidida pelo Movimento Contra a Terceirização do Ensino mediante assembleia deliberativa dias antes de seu 4º ato de rua. O Colégio José Carlos de Almeida (JCA) foi estrategicamente escolhido pelo Movimento por causa da facilidade em se estabelecer a ocupação. Como estava desativado, não haveria pessoas contrárias ao Movimento que apresentasse resistência à ocupação. Além disso, a pauta da sua reativação era forte e poderia trazer visibilidade ao Movimento.

Foi uma boa estratégia ocupar o JCA porque era um colégio que não estava funcionando e pouca gente tinha consciência disso. Por exemplo, eu estudava no Lyceu, que é perto do JCA, mas eu não sabia que o JCA estava fechado, abandonado, sem motivo há tanto tempo. Foi bom pra chamar a atenção porque é um colégio histórico e muito importante de Goiânia (KAREN, Lorena) ¹²

Dado esse primeiro passo, houve uma cobertura muito grande da mídia local, que via no evento a possibilidade de um Movimento semelhante ao de São Paulo. Essa publicitação, instantânea e em massa, acendeu a fagulha que os manifestantes precisavam.

Nós decidimos ocupar o JCA porque era um colégio fechado, um prédio ocioso no meio do centro que representava uma maior facilidade como primeira experiência. Quando surgiu a questão: “O JCA foi ocupado, primeira escola ocupada em Goiás”, quinze minutos depois a imprensa estava na porta e estourou a notícia. Essa foi a centelha. Aí a galera lá da região noroeste, do Robinho, falou: “Eu quero ocupar minha escola também. Não quero que a minha escola seja terceirizada”. E começaram a chegar mensagens na página de facebook Secundaristas em Luta-GO: “Eu quero ocupar minha escola, como que eu faço? “. Até que criamos um manual de como ocupar sua escola e postamos na página do Movimento. (XAVIER, Lucas) ¹³

Após estabelecer a ocupação no JCA de forma sólida, o Movimento começou a realizar assembleias para decidir os rumos que as ocupações tomariam. O JCA, apesar de um símbolo importante para a luta, não era viável enquanto único ponto de ação confrontiva, pois estava desativado e não tinha pessoas para se estabelecer um diálogo sobre as causas. De forma isolada, não incomodaria o Governo e não seria efetivo.

Num primeiro momento foi muito importante, pois criou-se um marco a partir dessa escola. Só que ali a gente não dialogava porque não tinha aluno. Uma escola que não tem aluno serve muito mais simbolicamente do que na prática. A gente tinha que dialogar com quem teria sua vida afetada: com professor, com técnico, com estudante e

¹² Entrevista realizada pelo autor com Lorena Karen, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

¹³ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

suas famílias. Ficar ali não resolveria o problema. Criou-se um marco e a partir dali a gente tinha que expandir. (SANTANA, Deryk)¹⁴

O PRÓXIMO PASSO

Expandir para onde? Essa era a principal questão que permeava a assembleia realizada no JCA em seu primeiro dia de ocupação. Em grande número, os manifestantes divergiam sobre a localização das escolas que deveriam empregar esforços para ocupar, dando continuidade à ação política do Movimento. Alguns achavam que uma melhor opção seria continuar as ocupações com Colégios da região central de Goiânia, tendo em vista questões de visibilidade e logística. Outros, achavam que o Movimento deveria se expandir para as periferias, núcleos que seriam mais afetados pela mudança na política de gestão das Escolas Estaduais.

Parte do grupo de manifestantes começou a se articular com colégios da periferia que haviam demonstrado interesse na causa, enquanto outra parte começou a se articular para efetivar a ocupação no Colégio Lyceu - um dos maiores da região central de Goiânia. Havia agora uma dificuldade clara em ambas realidades: os colégios ainda estavam em aula, no período das provas finais e com certeza haveria resistência por parte de grupos gestores, alunos e pais.

A resposta era realizar o processo de ocupação via assembleia, metodologia de deliberação utilizada pelo Movimento durante toda a luta. O grupo de manifestantes parava as aulas, explicava o que era o Movimento e suas pautas e em seguida abria para votação a questão das ocupações. Muito embora houvesse resistência de setores internos ao colégio, em todos os casos os favoráveis acabaram sendo maioria.

A primeira escola ocupada que tinha aluno foi o Robinho né? O JCA foi mais tranquilo porque não tinha aluno, era uma escola que estava desativada, e não teve num primeiro momento este problema de divergência. Num segundo momento, quando nós fomos fazer a ocupação no Robinho, ela se deu via assembleia. Nós fizemos assembleia durante dois dias pra discutir a ocupação. A gente ia pra lá pra apresentar o que era, que

¹⁴ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

já tinha outra escola ocupada, que tinham mais escolas que os alunos estavam se mobilizando pra tentar ocupar. Como funcionou com os alunos dentro da escola, paramos seis vezes as aulas pra discutir com os alunos e tivemos maioria em todas as seis assembleias. Teve gente que foi contrária? Teve. Inclusive gente que foi contrária e ao decorrer da ocupação começou a participar da ocupação, que entendeu o que que era, que entendeu o tanto que era importante e se tornaram pessoas muito ativas no Movimento. Agora, contras sempre tiveram, mas a gente tentou fazer da forma mais democrática possível, em assembleia. Ninguém nunca tinha ouvido falar em OS. Uma coisa impressionante, né? Você vê que é uma coisa que mexe diretamente com a vida daquelas pessoas, mas ninguém nunca tinha ouvido falar em OS. Aí que a gente vai, começa os debates sobre militarização, explica o que que acontece, explica a questão da cobrança de taxas dentro das escolas que são militarizadas, do uniforme que é caríssimo e a partir disso as pessoas começam a entender o processo e começam a ter uma outra visão. Teve sim gente contra, mas a todo momento os favoráveis foram maioria. (SANTANA, Deryk) ¹⁵

Nota-se que, sendo o grupo de manifestantes amplo e o movimento de ocupação incipiente, a comunicação interna do Movimento ainda não funcionava tão bem, de modo que algumas ações eram tomadas sem que todos os participantes ficassem cientes.

A gente estava em reunião no JCA pra decidir os próximos passos quando soubemos da ocupação no Robinho. Foi um pouco aleatoriamente porque a gente ainda não tinha contato com o pessoal de lá. Eles viram que a gente ocupou e por inspiração resolveram ocupar lá também. Pediram reforços pra consolidar a ocupação e foi enviada uma comissão com esses propósitos, para ajuda-los e direcioná-los. Nessa reunião que a gente recebeu a notícia do Robinho ocupado a gente estava discutindo sobre a viabilidade de se ocupar o Lyceu, que ainda estava em aula e teria as provas finais. Estávamos divididos, mas depois que veio a notícia da ocupação no Robinho parece que impulsionou pra galera querer ocupar também o Lyceu. E foi crescendo. Cada dia eram cinco, seis escolas. (KAREN, Lorena) ¹⁶

Essa falha de comunicação viria a ser reincidente em episódio posterior, o que resultaria em uma forte tensão e cisão do Movimento. A divergência entre os grupos que adotaram a estratégia de ocupação pelos centros e pelas

¹⁵ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

¹⁶ Entrevista realizada pelo autor com Lorena Karen, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

periferias, na verdade, não se bastou à uma condição geográfica. Esses também discordavam quanto a ideologia de grupo do Movimento. Enquanto parte do Movimento, principalmente os setores mais jovens, prezavam pelo autonomismo e não levantamento de bandeiras, outro grupo componente do Movimento, prezava pelo chamamento de outros Movimentos Sociais para a causa, adotando uma posição mais partidarista e institucional. Esse assunto, no entanto, será tratado separadamente em seção posterior.

O EFEITO DOMINÓ

Realizadas as ocupações do Colégio Robinho Martins de Azevedo e Lyceu de Goiânia, chegava a vez do Instituto de Educação de Goiás (IEG) ser ocupado. Enorme e localizado na região central da cidade, deu visibilidade ao Movimento que agora tinha como mote a frase: 4 dias 4 escolas ocupadas.

A partir do sexto dia de ocupação um enorme salto foi dado para as pautas do Movimento, que agora se identificava como Secundarista. Com mais 5 escolas ocupadas, as reivindicações haviam chegado no interior do Estado através da Escola Polivalente Frei Beto em Anápolis.

A reação instintiva do Governo foi reprimir os Movimentos através da truculência policial e do corte de água e energia dos colégios ocupados¹⁷. Essa ação, no entanto, serviu como argumento para pautar e publicitar a luta contra os OS's, como destaca o apoiador e integrante da mídia alternativa "Desneuralizador", Lucas Xavier: *"Ou eles negociam, ou eles se lascam. Porque a repressão é difícil, mas ela tem uma reação muito instantânea que é a publicitação daquilo. Cada tentativa de repressão do Movimento, que foram muitas, foi um tiro no pé."*¹⁸

Como uma onda, o Movimento cresceu e se alastrou pelo Estado, chegando a um número de 28 escolas ocupadas no final de janeiro de 2016. Parte dessa centelha foi criada pela estratégia de publicidade do Movimento, que

¹⁷ <http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2015/12/secretaria-de-educacao-de-goias-solicita-corte-de-agua-em-escolas-ocupadas-8596.html>

¹⁸ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

se utilizava do facebook para expor suas pautas e ampliar o engajamento de seu público.

Há, no entanto, um paradoxo: com a expansão da estratégia da mídia social um maior número de pessoas foi alcançada pela mobilização, porém o envolvimento tornou-se mais fluido em relação à identidade do grupo, já que a autonomia individual, nesse caso, é também maior.

As redes, como sustenta Manuel Castells, operam pelo ato da comunicação. A comunicação socializada gera significados compartilhados e, muitas vezes, reconstruídos, acrescentados, lapidados ao longo das conexões e adesões. Algo completamente distinto das estruturas de comando verticalizado e unificado das burocracias. (RICCI, 2014, p. 215)

A volatilidade dos discursos virtuais, nos quais a imagem passa a ter grande valor, reverbera essa dificuldade. O medo de ser julgado como diferente e a facilidade para replicar uma informação sem que haja consulta prévia acerca das fontes ou um aprofundamento teórico, permitem que indivíduos se mostrem mobilizados sem de fato se envolverem com as causas.

Mas a rede em si não cria a mobilização, embora crie um ambiente de automotivação e amplificação dos discursos que mais geram adesão e, portanto, identidade entre internautas articulados em agrupamentos virtuais. A partir daí, cria-se uma comunidade virtual que alimenta a indignação (socializando vídeos, fotos, comunicados, declarações, testemunhos, discursos e versões sobre um fenômeno ou situação considerada injusta e arbitrária). (RICCI, 2014, p.215)

Ciente dessas dificuldades, o Movimento Secundarista não se limitou a estratégia de chamamento e engajamento pelas redes. Através de panfletagens, debates abertos e atividades culturais, instigou o contínuo interesse da sociedade em se envolver em suas ações políticas.

HORIZONTALIDADE, AUTONOMIA E AUTOGESTÃO

O Movimento Secundarista - que se formou a partir das ocupações escolares empregadas pelo Movimento Contra a Terceirização do Ensino - desde o início de sua concepção teve como modelo de organização a

horizontalidade, autonomia e autogestão. Essa tendência, que apareceu em diversas manifestações latinoamericanas do século XXI, vai contra a estrutura organizacional clássica da modernidade - burocrática e verticalizada. Mais dinâmica e flexível, assume a pluralidade individual dos integrantes do grupo, estabelecendo critérios democráticos para a deliberação em assembleia.

Cada ocupação de escola constituía um movimento dotado de autonomia para decidir suas regras de funcionamento interno. Todavia, com o tempo, houve a necessidade de se criar um Comitê para deliberar estratégias unificadas e melhorar a comunicação interescolar do Movimento.

Esse núcleo de unificação do Movimento Secundarista se reunia de uma a duas vezes por semana para decidir os encaminhamentos das ações estratégicas. No Comitê, podiam estar presentes apenas dois estudantes secundaristas de cada escola, sendo que era feito rodízio para não estabelecer lideranças dentro do processo.

As discussões das estratégias e ações para as pautas específicas de cada colégio eram deliberadas também em assembleias, mas o protagonismo dos secundaristas variava de acordo com a escola e com a relação que tinham com os apoiadores, professores e técnicos. Em alguns colégios apenas secundaristas votavam; em outros, todos votavam, mas o peso do voto dos secundaristas era maior; em outros, todos votavam com o mesmo peso, mas a condução da mesa era feita pelos secundaristas.

A tendência foi que, com o passar do tempo, apoiadores não secundaristas ganharam força dentro da luta. Segunda uma das entrevistas, muito por causa dos laços afetivos criados a partir do cotidiano das ocupações.

Muita gente acha que o Movimento era apenas um movimento de ocupação, mas não. A ocupação era só mais uma das estratégias de ação do Movimento. As ocupações trouxeram mais força pro Movimento, no sentido de confiar e conhecer mais as pessoas que estão lutando ao nosso lado. E essas interações foram muito maiores do que a gente imaginava. Vieram pessoas das ocupações em São Paulo, vieram jornalistas documentar pra um filme. Foi um intercâmbio cultural, energético. É uma experiência que não dá pra explicar. São pessoas que você não conhece, mas constroem um cotidiano junto com você, passando pelas mesmas experiências porque

isso faz sentido pra ela também. Cada um dá um suporte muito grande ao outro. (ROSA, Neemias)¹⁹

Esse protagonismo dos secundaristas na luta, entretanto, foi visto por alguns integrantes do Movimento como invisibilização de outros membros. Essa questão reverberava uma divergência ainda maior entre núcleos do Movimento: uma diferença ideológica quanto a identidade do grupo. Enquanto as ocupações de colégios centrais da cidade foram tomadas por setores autonomistas, vários colégios da periferia de Goiânia tiveram as ocupações encaminhadas por grupos associados à instituições como a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e a União Nacional dos Estudantes (UNE).

Essa tensão ideológica inicialmente não apresentava atritos formais, de modo que a estratégia de realocação de pessoas entre Colégios para melhorar a segurança das ocupações - principalmente durante atos de rua simultâneos – era realizada sem maiores problemas.

Como tinha esse contato entre as ocupações, pra tudo acontecia essa realocação pra balancear o número de pessoas entre as escolas. Pra não deixar uma escola muito enfraquecida e outra muito forte. Naturalmente, as escolas do centro estavam com mais pessoas pela facilidade de se chegar a elas. Então as escolas periféricas passavam os informes e a gente tentava de certa forma equilibrar o número de ocupantes entre os colégios. (KAREN, Lorena)²⁰

Entretanto, entre os manifestantes, havia uma nítida consciência sobre a cisão ideológica do Movimento Secundarista, espelhada a questões geográficas e socioeconômicas.

A gente sempre falou a vida inteira assim: “é muito fácil fazer manifestação política no centro”. E durante as ocupações a gente viu que isso aconteceu muito. Por exemplo, a gente brincava que enquanto alguns colégios tinham rolê gourmet com chefs cozinhando e tal, a galera do colégio da periferia era arroz e feijão. Então assim, pela facilidade, pela centralidade, haviam colégios que tinham reportagens todos os dias. A

¹⁹ Entrevista realizada pelo autor com Neemias Rosa, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

²⁰ Entrevista realizada pelo autor com Lorena Karen, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

gente não. Queríamos dialogar com o pessoal da periferia. É importante que essa galera também se empodere, principalmente porque quem tem a vida mais afetada é esse pessoal. Tem essa questão de querer que a escola que tenha OS seja modelo e aluno problemático não fica mais. Aluno que tem nota baixa vai ser excluído. Imagina a pessoa que tem sua vida ali, tem sua cultura ali, porque ela mora naquele setor, você tira ela e joga em outro lugar. Então isso pra gente é muito mais problemático pra galera da periferia, pela vulnerabilidade social. (SANTANA, Deryk)²¹

Quem ocupou o JCA foram os estudantes autônomos. No dia seguinte, ocuparam o Robinho. Quem liderou a ocupação do Robinho foi a UBES e a UNE. Depois vieram o Dantas e o Pedro Gomes que também foram liderados pela UBES e UNE. Eles não eram chamados pras reuniões do Comitê, que eram realizadas só por secundaristas, e ficavam falando que eram os excluídos, que não estavam por dentro do que tava acontecendo. (XAVIER, Lucas)²²

A organização interna das ocupações dos colégios era baseada na divisão de pessoas por comissões. Essas, realizavam funções específicas, de modo que todos que estavam presentes participavam da gestão interna.

Todo mundo tinha que se encaixar em alguma comissão. Você estava ali dentro, você tinha que participar e ajudar de alguma forma. Por isso que funcionava. Era mais que a luta contra as OS's. Era a luta pra se manter ali também. (MATHEUS, Vicente)²³

Essa separação por comissões era interessante no sentido de que otimizava o trabalho interno das ocupações, sem perder a característica da horizontalidade, afinal nenhuma comissão funcionava através de integrante único que pudesse representar algum tipo de liderança.

A CONSTRUÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA

²¹ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

²² Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

²³ Entrevista realizada pelo autor com Vicente Matheus, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

Se pautar a sociedade dos riscos que uma gestão educacional por OS's representava era, inicialmente, um desafio, construir uma opinião pública favorável às ocupações parecia uma tarefa praticamente impossível ao Movimento. Isso porque os recursos controlados pelo Estado eram completamente desproporcionais aos obtidos pelos Secundaristas.

Da mídia impressa à televisiva, só se falava dos benefícios que a “gestão moderna por OS's” ofereceria seguindo a rigidez da disciplina militar. Os estudantes secundaristas eram tratados como invasores, vândalos, que estavam fazendo oposição ao projeto educacional do Governo simplesmente por questões partidárias ²⁴.

Para furar esse cerco midiático, o Movimento Secundarista se valia principalmente das mídias sociais, em especial do facebook, como revela o estudante Vicente Matheus:

Cada ocupação tinha sua página de facebook e havia também a página do Movimento (Secundaristas em Luta – GO) formada por alunos, professores, técnicos e apoiadores. Acho que esse é o maior veículo que a gente tem de divulgação do Movimento. Primeiro facebook, depois whatsapp. É uma maneira da gente sempre deixar todo mundo ciente sobre as notícias dos editais, sobre o que está acontecendo, de uma maneira mais fácil. Hoje quase todo mundo tem acesso ao facebook e whatsapp. Tudo que você coloca tem uma repercussão muito grande. Eu acho que é um recurso muito válido porque não tem como você marcar assembleias todos os dias. Não é todo mundo que tem disponibilidade pra ir pra assembleia, pra se deslocar pra outros lugares. (MATHEUS, Vicente) ²⁵

Nele, eram divulgadas informações acerca das ocupações, denúncias contra o Governo, polícia e mídia e chamamentos para atos e atividades culturais dentro das ocupações.

Quem controlava a página oficial do facebook do Movimento, “Secundaristas em Luta – GO”, eram membros da comissão de comunicação e mídia de cada escola ocupada. Havia, nitidamente, uma preocupação em se respeitar o princípio da horizontalidade do Movimento, o que na prática resultava

²⁴ <http://www.nosopinando.com.br/reportagem-apocrifa-do-diario-da-manha-caoa-indignacao-nas-redes-sociais/>

²⁵ Entrevista realizada pelo autor com Vicente Matheus, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

em alguns erros pontuais, como a divulgação de boatos, sem a confirmação prévia da informação. A fiscalização das postagens era feita pelo Movimento mediante grupo de whatsapp.

Era um monte de gente, integrantes das comissões de comunicação e mídia de cada escola. A galera tentava fazer um movimento horizontal – que é a grande marca desse Movimento. A polícia ficava atrás de lideranças, mas não tinha. Tinha uma galera que se destacava no sentido de se importar mais com a luta e aparentar uma postura de liderança, mas na prática não tinha. Era administrada por várias pessoas, sendo que sempre tentavam colocar representantes de cada escola ocupada. Algumas escolas não conseguiram um contato tão grande, como no caso de São Luiz de Montes Belos e Anápolis, mas havia uma preocupação em deixar pessoas importantes de cada escola com acesso à página para divulgar informações que o movimento julgasse preponderantes. Esse acesso amplo, na verdade, gerou até alguns problemas pontuais: a pessoa escutou um boato e jogou na página, por exemplo. Nesse caso, o controle geralmente era feito pelo grupo de whatsapp, onde mais pessoas participavam e trocavam informações sobre as ocupações das diferentes escolas. (XAVIER, Lucas)²⁶

Havia, além da página oficial do Movimento Secundarista, as páginas de facebook da ocupação de cada colégio e a página “Ocupe sua Escola - GO”, que era controlada por um grupo de estudantes universitários da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e Universidade Federal de Goiás (UFG). Com o intuito de divulgar as informações das ocupações - passadas via grupos de whatsapp - seguiam uma unidade estética própria, buscando um maior alcance. Esta, ao contrário da página oficial do Movimento “Secundaristas em Luta – GO”, operava de modo mais centralizado.

Nós tínhamos os grupos do whatsapp e a partir deles a gente demandava quem cuidava das páginas. Era realmente mais fechado. Não era centralizado porque a gente trabalhava com um pessoal, principalmente da PUC e da UFG, que já tem uma vivência com publicidade, com jornalismo, pra que a gente conseguisse atingir mais pessoas. Pra que tivesse uma estética bacana e uma unidade no discurso. A gente demandava “hoje vai ter tal oficina”, aí a gente mandava, o pessoal produzia o conteúdo, produzia o flyer, a postagem, a gente mandava um vídeo que a gente mesmo gravava e eles editavam.

²⁶ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

Então tinha realmente um grupo específico que tomava conta da página. No caso da página que a gente usava pra divulgar que era a “Ocupe sua Escola”. (SANTANA, Deryk)

27

Através de uma análise comparativa entre as planilhas do anexo 1 e 2, podemos perceber diferenças substanciais no tipo de abordagem de conteúdo das páginas “Secundaristas em Luta – GO” e “Ocupe sua Escola – GO”. As planilhas demonstram as publicações de cada página de facebook no período que vai de dezembro de 2015 (início das ocupações) até o início de março de 2016 (fim das ocupações). As publicações foram separadas em seis tipos de abordagem: ação, envolvimento, convocação, informativo, denúncia e apoio.

A estratégia de denúncia foi particularmente eficaz em termos de alcance e compartilhamento das pautas da página “Secundaristas em Luta – GO” (vide: 14/12/15 e 18/12/15, marcadas em vermelho). A denúncia funcionava como estratégia reativa contra a ação repressiva do Estado, sustentada por registros da sua própria mídia independente, da qual falaremos em seguida. Isso fica claro a partir da análise da publicação feita em 16/02/16 (em vermelho) após um hiato de 10 dias sem publicações (vide marcação amarela), período em que houve uma onda de descoupações de escolas e o Movimento sofria uma baixa, ainda não tendo decidido sua próxima ação estratégica. Tratou-se de um episódio de conflito entre polícia e Movimento em que 31 manifestantes foram presos, entre eles: estudantes - muitos menores de idade – professores e apoiadores.

A página “Ocupe sua Escola – GO”, ao contrário, publicava maior volume de conteúdo de envolvimento e apoio. Naturalmente, por ser controlada por uma equipe centralizada de universitários, não havia tantos registros imediatos de denúncia como no caso da página “Secundaristas em Luta – GO”, em que o acesso era mais amplo entre o Movimento. Há também uma nítida diferença entre as publicações de apoio de ambas páginas. Enquanto no “Ocupe sua Escola – GO” era retratado o apoio de vários movimentos sociais históricos já institucionalizados como MST, UBES, UEE, na página “Secundaristas em Luta – GO” retratava-se o apoio de movimentos secundaristas de outras localidades, artistas e instituições escolares, mas não se fazia referência a movimentos sociais com fortes vínculos partidários.

²⁷ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

A UFG abriu espaço para os estudantes secundaristas se posicionarem enquanto Movimento através da TV UFG. Essa abertura às causas dos manifestantes foi importante, pois, além de publicitar através de mídia televisiva a concepção dos estudantes, demonstrou que as pautas da luta tinham respaldo em setores educacionais.

A escolha do facebook como ferramenta principal de divulgação das causas do Movimento levou em consideração o grau de acesso, alcance e mobilização que oferece. O whatsapp, por sua vez, era utilizado como uma rápida fonte de diálogo entre integrantes do Movimento.

O Facebook hoje em dia, se comparado às outras mídias, é muito mais tangível. Acho que até por uma questão das operadoras e da própria demanda. Você tem muito mais acesso ao Facebook do que ao Youtube, por exemplo, no cotidiano. Você está no ônibus, você está no Facebook. Você está no trabalho, você está no Facebook. Você está na rua, você está no Facebook. Sem a internet de casa, no dia-a-dia, as pessoas acessam muito mais o Facebook do que o Youtube. A gente experimentou isso e começamos a publicar nossos vídeos também no Facebook. Quando a gente fez isso pela primeira vez o vídeo deu 400 mil visualizações em uma semana. (XAVIER, Lucas)

28

A existência de uma mídia alternativa interna ao Movimento – o Desneuralizador - foi essencial para a construção de uma opinião pública favorável às demandas dos Secundaristas. Isso porque era o único canal de informações, que não o próprio Movimento, que noticiava os fatos segundo a ótica dos Secundaristas.

O Desneuralizador, coletivo de mídia independente goianiense, militava dentro do Movimento através da cobertura audiovisual dos atos realizados pelos secundaristas e apoiadores.

Hoje em dia a galera quer informação, mas quer informação enxugada. É uma coisa que eu acho negativa, mas é assim, não há o que se fazer. O Facebook traz isso. Facebook traz um texto de dois parágrafos e um meme e a galera acessa, lê e se sente informada - embora pra mim seja uma falsa impressão de informação. A gente acaba

²⁸ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

sendo acessado também dessa forma. No último ato eu estava cobrindo a manifestação com meu smartphone e mandando fotos em tempo real pra um amigo que estava em casa esperando para postar o conteúdo no Facebook. Postava a foto com um texto de um parágrafo explicando o que rolou e dava mil compartilhamentos. Precisa ser imediato, precisa ser factível e precisa ser enxuto. Hoje em dia, se você faz textão a galera não vai consumir a informação. Quanto mais você consome Facebook, mais coisas enxutas você consome. Você perde a prática de apurar informação. De consumir informação de fato. Então, a gente acaba fazendo um estudo com base em experiências: se você faz um texto ele não vai ter prioridade de notícia no Facebook, que o limita. Tudo que a gente posta tem que ter foto. Porque o Facebook faz isso: a primeira coisa que ele lança no seu feed são vídeos e fotos. A gente tenta fazer uma notícia que vai girar – colocar foto e ser sucinto – mas a gente tem que credibilizar nossa informação citando links das matérias originais e fontes confiáveis, ou através de fatos comprovados por fotos e vídeos. (XAVIER, Lucas)²⁹

Outra importante função que o facebook tinha para o Movimento era o de conectar os secundaristas goianos com secundaristas e apoiadores de outros estados, viabilizando parcerias e catalisando a luta através do reconhecimento da legitimidade das causas.

A arte, nesse sentido, teve papel semelhante. Além de introduzir pautas - muitas vezes tidas como “sisudas” - através de uma linguagem mais leve, deu condições para que pessoas de fora das ocupações conhecessem as ocupações e apoiassem as causas, quebrando o estigma criado pela grande mídia e Governo.

O apoio do artista é muito importante porque ele traz o público dele para as questões do Movimento. Embora a cultura e a política sempre se aproximem, elas não estão diretamente imersas. Então, às vezes, o cara que é do rolê cultural não sabe que está acontecendo as ocupações, mas através desses atos acaba sabendo. Quando a cultura e a política se juntam são duas grandes forças juntas. O apoio da cultura dentro do Movimento foi algo muito importante para divulgar e confirmar que as pautas tinham respaldo da sociedade. (XAVIER, Lucas)³⁰

²⁹ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

³⁰ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

Isso sem contar as atividades culturais de debate e oficinas que, além de introduzir questões importantes que os estudantes não tinham contato recorrente (por exemplo, questões de gênero e raça), ofereciam uma nova possibilidade de modelo de ensino, mais participativo, horizontal e colaborativo.

Essas rodas de conversa que a gente fazia trouxeram aos meninos a compreensão do que era machismo, por exemplo. Era muito importante pras pessoas ocuparem o seu tempo, pra que a gente conseguisse envolve-las de uma outra forma. Quem passa 24 horas dentro de uma escola tem que ter uma opção de lazer. No começo a gente foi muito criticado. O pessoal da própria Secretaria de Educação tentou muito descreditar o movimento falando que era festa, que era bagunça, mas aí a gente falou: “Não, muito pelo contrário. Esse aqui é o modelo de escola que a gente quer. A gente quer uma escola que tenha arte, que tenha também esses momentos. Que tenha esporte”. Você traz esse contexto pra discutir política na escola. Tem que se discutir. E a cultura traz essa possibilidade de uma discussão de um novo modelo acadêmico. A escola hoje não representa o estudante e por isso a evasão é tão grande. (SANTANA, Deryk)³¹

O DESGASTE E AS DESOCUPAÇÕES

A ocupação, exceto em casos de luta por terra, é uma estratégia de ação que geralmente tem fim definido em curto/médio prazo. Isso porque, além de desgastante, muitas vezes perde sua função política com o tempo.

A linha de ação direta acontece quando a estratégia de influência por meio de canais institucionais para de funcionar. Sua razão de existência é para que esta volte a funcionar e sejam atendidas as reivindicações do Movimento.

No caso específico do Movimento Secundarista, a partir do fim de janeiro de 2016, houve um forte movimento contrário articulado entre Secretaria de Educação, grupos gestores, comunidade, mídia e alunos para encerrar as ocupações.

O Movimento “Desocupe minha Escola” ganhou força com a iminência do ano letivo. Além disso, a truculência policial e o desgaste físico após um período

³¹ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

de crise de doações fizeram com que os manifestantes começassem a repensar suas estratégias de ação.

As pessoas sabiam que precisavam discutir a desocupação. Alguns falavam: “Olha, acho que a gente não tem mais força pra ocupar. Eu acho que a gente precisa desocupar e construir o Movimento de novo nas ruas. Fazer trabalho de base, panfletagem nos terminais sobre o Movimento. Eu acho que a ocupação perdeu sua função política agora depois de três meses. Eu acho que ninguém mais quer saber e a gente tem que fazer algum outro tipo de ação que dê visibilidade”. (XAVIER, Lucas)³²

Pouco a pouco, as escolas foram sendo desocupadas, mas não sem antes os secundaristas firmarem acordos que garantissem demandas internas e específicas aos colégios, como criação de grêmios estudantis, núcleos de estudantes para fiscalização escolar e testemunhos escritos de que as escolas não seriam terceirizadas após as desocupações.

Houve, no entanto, um caso específico que merece atenção. O Colégio Ismael de Jesus da Silva foi desocupado à força pela comunidade. Os estudantes alegaram que essa foi uma ação articulada com a polícia e a Secretaria de Educação³³.

Existem alguns casos isolados. No caso do Ismael, por exemplo, amanheceu seis horas da manhã com a escola desocupada e todo mundo espancado. A polícia invadiu a escola e saiu dando cacetada em todo mundo. É um colégio de periferia, da região noroeste, longe do centro da cidade - onde as pautas acontecem. Logo após a desocupação forçada, os pais e a comunidade local - contrária às ocupações - entraram na escola e quebraram as coisas; contataram a Secretaria e chamaram a imprensa, que encontrou tudo bagunçado. Na mesma hora já estava rolando um carro de som na rua falando que a escola estava desocupada e que a matrícula estava aberta. Foi algo articulado. (XAVIER, Lucas)³⁴

Depois desse e de outros casos de violência física e psicológica da comunidade e polícia para com os estudantes, os secundaristas começaram a

³² Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

³³ <http://m.folha.uol.com.br/educacao/2016/02/1735822-pais-enfrentam-alunos-durante-desocupacao-de-escolas-em-goias.shtml>

³⁴ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

temer eventos do gênero. Enfraquecidos pelo cansaço e pelas más condições de alimentação e sono, sabiam que a decisão pela desocupação em assembleia era iminente.

Eu acho que o medo da polícia era uma coisa que pegava muito também. Principalmente depois que os meninos do Ismael foram desocupados a força. A polícia foi extremamente violenta. Bateram em meninos e meninas menores de idade. Eu estava numa assembleia e ouvi uma menina de 13 anos falando que acordou com um policial chutando o amigo dela, chamando ela de vagabunda, apontando arma pra cara dela. A gente ficou em estado de pânico. (ROSA, Neemias)³⁵

Assim como a fagulha das ocupações se alastrou rapidamente, a onda de desocupações também veio de uma vez. Poucos eram os colégios ainda ocupados e o Movimento decidia sobre os novos rumos e estratégias de ação.

Até que uma notícia chegou aos ouvidos dos secundaristas, pegando-os de surpresa: a Secretaria de Educação (SEDUCE) havia sido ocupada.

A OCUPAÇÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Em um movimento amplo e diverso como é o caso do Secundarista é natural que se tenha divergências internas quanto a ideologias e tomada de decisões. Se fosse uma estrutura organizacional burocrática, essa diferença seria superada pela *“projeção da figura carismática do líder ou de uma agenda de ação coletiva permanente que renova o espírito coletivo e reafirma a identidade dos associados pelo confronto com o adversário ou inimigo”* (RICCI, 2014, p.217). No entanto, na estrutura de rede, horizontalizada, *“os consensos internos são dinâmicos e raramente pautados por argumentos racionais, dado que a coesão comunitária é essencialmente afetiva.”* (RICCI, 2014, p.217).

Significa dizer que, a solução dessas divergências torna-se mais difícil, dependendo exclusivamente de um critério de votação por maioria em assembleia – caso essa seja a metodologia de deliberação utilizada pelo Movimento – ou ainda de um debate coletivo no intuito de se chegar a um

³⁵ Entrevista realizada pelo autor com Neemias Rosa, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

consenso, o que pode demorar e dependerá da cessão de pelo menos uma das partes divergentes.

O Movimento dos Secundaristas nasceu apresentando uma fissura quanto a sua ideologia de grupo. Embora fosse em sua maioria composto por autonomistas - muitos deles em sua primeira experiência com movimentos sociais - havia em sua composição grupos de pessoas que tinham forte relação com outros movimentos sociais institucionalizados. Isso, a priori não representava um problema, desde que essa identidade individual fosse despida em prol da identidade coletiva, como sugere Mische (2015).

Porém, durante o episódio de ocupação da SEDUCE isso não ocorreu e, o que era uma fissura virou uma rachadura. Para piorar, o início do processo de ocupação feriu o processo decisório instituído pelo Movimento, o que acarretou em grandes tensões.

Quando a tática começa a ser desgastante em relação ao que se havia construído com a comunidade, que era muito importante pra gente, a gente começa a repensar a estratégia. “Agora é a hora de dar um passo maior que as pernas. Agora é a hora da gente parar a educação”. Porque a gente parando as escolas incomodamos muito, mas muito mais os pais dos alunos do que o Governo. Se a gente ocupa a SEDUCE, a gente incomoda o Governo porque a gente para a educação em todo lugar. (SANTANA, Deryk)³⁶

Quando ocuparam a Secretaria de Educação (SEDUCE) pela primeira vez todo mundo assustou. Seis horas da tarde uma publicação: SEDUCE ocupada e uma foto da galera ocupando a SEDUCE. Foi uma “treta pesada”. Porque tinha o Comitê dos Secundaristas. E a galera da UBES e da UNE que tinham desocupado o Dantas decidiram ir pra SEDUCE. Como assim? Passaram por cima do Comitê? O Comitê não tinha decidido isso. Ninguém tinha conversado isso. Atropelaram o Comitê que era quem decidia os rumos do Movimento. (XAVIER, Lucas)³⁷

Um pessoal que não estava nas ocupações se achou no direito de criar uma richa entre as escolas do centro e as escolas da periferia que nunca existiu. Falando que no centro o pessoal estava muito confortável, enquanto na verdade a gente estava

³⁶ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

³⁷ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

passando fome. Que ninguém estava nem aí pras escolas da periferia. Eles juntaram uma galera, uns secundaristas de escolas que haviam sido desocupadas na periferia e juntos ocuparam a SEDUCE. Só que ocuparam o estacionamento da SEDUCE e ficaram nisso uns 15 dias. Era uma estratégia que o Comitê estava analisando, mas nada havia sido deliberado. Caso a ocupação das escolas não estivesse dando mais visibilidade, essa era uma estratégia possível. Mas isso mal foi proposto. Um grupo restrito, inclusive vinculado a partidos políticos, fez essa decisão que foi totalmente atravessada. Queimou uma carta que o Movimento tinha na manga. (ROSA, Neemias)³⁸

Após ocuparem a SEDUCE, os grupos das recém desocupadas escolas da periferia pediram reforço aos demais membros do Movimento que, mesmo a contragosto, foram apoiar a causa e estabelecer a ocupação. Depois de estabelecida e acordada com a polícia que a ocupação ficaria no estacionamento do prédio da SEDUCE, houve discussão entre os grupos pioneiros na ocupação da Secretaria e os grupos de apoio recém-chegados.

Além de estes quererem explicações sobre a decisão “atravessada”, tomada fora do Comitê, reclamavam do levantamento de bandeiras de movimentos que não representavam a luta dos Secundaristas.

Nossa reivindicação sempre foi claramente para a melhoria da educação. E a gente realmente não permitia o levantamento de bandeiras. Tinham muitas pessoas que eram de partidos, que tinham suas ideologias partidárias, mas não deixavam isso atravessar o Movimento. Estavam ali para somar na luta. Mas tinham pessoas que estavam ali em nome do partido, claramente. E a gente nunca quis. Por isso que rolou esse racha na SEDUCE. Porque era uma galera completamente partidária que estava levantando bandeiras, e isso ia contra o que a gente acreditava, contra a horizontalidade que estava sendo proposta pelo Movimento desde o início. (MATHEUS, Vicente)³⁹

As pessoas chegaram na SEDUCE com a maior resistência: “Não, aqui é só secundarista”. Querendo expulsar qualquer pessoa que não fosse secundarista. Foi aí que nós começamos a trazer os Movimentos Sociais pra dentro da ocupação. Aí nós trouxemos os sindicatos que nos apoiaram, o SINTEGO, o MCP, que deu comida pra caramba pra gente, o MST, que também tinha a pauta do fechamento das escolas rurais, a pauta das ocupações do campo... Então assim, nós conseguimos trazer esse pessoal

³⁸ Entrevista realizada pelo autor com Neemias Rosa, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

³⁹ Entrevista realizada pelo autor com Vicente Matheus, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

e ampliar as pautas. A pauta não é só pelas OS's, é pela educação pública. É pelo modelo de educação que é o contrário ao que a gente acredita. (SANTANA, Deryk) ⁴⁰

Os autonomistas, então, decidiram ir embora da ocupação. A estratégia era ocupar a área interna do prédio, assim que os grupos partidários desocupassem a SEDUCE. E assim foi feito. O que não sabiam é que os grupos partidários que antes ocupavam a Secretaria haviam acordado com a polícia que ninguém mais iria ocupar a SEDUCE após desocuparem o local. Quem o fizesse poderia ser preso de imediato.

Depois que eles decidiram desocupar o estacionamento, o Movimento decidiu bolar uma estratégia pra realmente ocupar o prédio. E foi o que aconteceu. Mas o que a gente não sabia era que esse pessoal do PT e do MST tinha feito um acordo com a polícia que, depois que eles desocupassem, qualquer pessoa que ocupasse poderia ser presa. Não poderia haver outra ocupação. E a gente foi lá e ocupou o prédio. Quando vimos a polícia havia chegado, inclusive de helicóptero, cercando todo mundo. Eles disseram que queriam que a gente descesse pra negociarmos a saída do prédio. Quando a galera desceu eles pediram pra todo mundo sentar e já deram voz de prisão. E logicamente, depois reviraram tudo na Secretaria pra colocar a culpa na gente. (MATHEUS, Vicente) ⁴¹

Começava mais um capítulo da forte repressão policial que marcou a luta do Movimento Secundarista. Não haveria negociação. 31 pessoas, entre elas vários estudantes secundaristas menores de idade, professores e apoiadores do Movimento, foram presos imediatamente. Mas o que poderia representar uma baixa no Movimento, na verdade serviu para reacender a chama da luta. A ação de reprimir trazia consigo uma reação imediata: a publicitação da luta e das pautas secundaristas. Dessa vez documentada não só pela mídia independente do próprio Movimento – Desneuralizador – como também pela grande mídia, a seu modo.

A repressão foi algo que marcou muito o Movimento. E aí a gente vê como a mídia alternativa pode ter um papel preponderante dentro da logística do Movimento. A repressão foi

⁴⁰ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

⁴¹ Entrevista realizada pelo autor com Vicente Matheus, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

testando. A Secretária Raquel Teixeira assinou um documento pra cortar água e luz nas escolas ocupadas. E não adiantava nada. Cada tentativa era um tiro no pé. Pra toda ação tinha uma reação. No dia que o Sargento Gerson espancou o secundarista, a galera apanhou, mas pautou o Movimento. No dia que a polícia bateu na galera na Praça Cívica, o pessoal apanhou, dois foram presos, foi difícil, mas reacendeu a questão das OS's. Voltou a ser pautada. A repressão foi evoluindo até culminar na prisão dos 31. Mas foi um tiro no pé, novamente. Porque pautou. A galera que estava lutando pela educação que foi presa. E aí você imagina: o que seria desses atos sem a mídia alternativa pra relatar? Você não tem o registro do lado de cá. A gente existe pra construir uma terceira via da comunicação. (XAVIER, Lucas) ⁴²

Nesse episódio específico conseguimos analisar traços da geopolítica do conhecimento que conecta os movimentos sociais da América Latina, criando uma linguagem própria para seu o estudo.

A desigualdade social, historicamente presente na política latinoamericana, é observada quando todos os presos são liberados, exceto um: o secundarista menor de idade Wendell – da periferia e de baixa condição socioeconômica. A polícia alegava ter sido ele responsável pela agressão de um policial, mas não demonstrou provas que confirmassem o fato. Uma campanha exaustiva foi realizada pelo Movimento Secundarista até resultar na soltura do garoto, semanas depois.

UMA GRANDE VITÓRIA PARCIAL

Ainda que jovem e com traços da inocência que os integrantes de pouca idade apresentavam, o Movimento Secundarista goiano conseguiu revelar sua força e maturidade ao longo dos meses de luta. As suas ações, mesmo quando espontâneas, demonstravam a grandeza que as relações construídas dentro de um movimento social podem instituir. Um grande aprendizado para os manifestantes de primeira viagem e também para aqueles de carreira consolidada, que viram na experiência uma das mais enriquecedoras de suas vidas.

⁴² Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

Eu participo de Movimentos assim há muito tempo, mas tudo que eu participei até hoje serviu pra culminar neste momento. Eu nunca tinha me sentido tão diretamente assim na vida dessas pessoas. (SANTANA, Deryk) ⁴³

A parcial vitória não se bastou ao adiamento do edital das OS's, juridicamente fraco. Ela se estendeu à conquista de reconhecimento e respaldo da sociedade e instituições educacionais como Universidades e Ministério da Educação e à concessão de pautas internas às escolas como a criação de grêmios estudantis e núcleos de estudantes, como revela o estudante e ativista Lucas Xavier:

Em todos os colégios a desocupação aconteceu através de acordos com o grupo de pais, coordenadores e diretores que estavam articulados para a desocupação. A galera falava: "A gente vai desocupar, mas a gente tem aqui um documento e a gente quer que você assine testemunhando que essa escola não vai ser terceirizada e que a gente vai poder montar um grêmio estudantil aqui". Cada escola tinha um documento com suas pautas internas. Todas as escolas que foram ocupadas, mesmo com o enfraquecimento depois da desocupação não foram as mesmas. Porque depois de desocupadas tiveram grêmios estudantis e construíram núcleos de estudantes pra fiscalizar o que está rolando com a escola. (XAVIER, Lucas) ⁴⁴

Além disso, começou a pautar a sociedade, o Governo e os próprios participantes sobre os modelos de educação que desejavam: mais participativo, colaborativo, horizontal e igualitário.

Neste sentido, segundo integrantes do Movimento, foi bastante transformador das realidades individuais dos participantes.

Depois da primeira oficina que a gente deu de tranças e penteados afros, as meninas que só iam com cabelo alisado começaram a usar black, a andar de turbante. Tinha uma lista das meninas mais feias da escola e a gente via que a maior parte das que estavam lá ou eram negras ou eram gordas. Depois de um tempo, a galera que colocou elas na lista começou a pedir desculpas, falando: "Eu era um babaca antes". Se você vê a transformação... A OS foi só um ponto. (SANTANA, Deryk) ⁴⁵

⁴³ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

⁴⁴ Entrevista realizada pelo autor com Lucas Xavier, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 27/05/16 em Goiânia.

⁴⁵ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

No entanto, sabe-se que essa foi apenas uma das batalhas da guerra, que continua. Um novo edital está sendo preparado e não houve cancelamento da ideia do projeto educacional por parte do Governo, que se articula para vir mais forte.

Do mesmo modo, o Movimento Secundarista continua ativo, promovendo atos e assembleias, no intuito de garantir uma unidade mais coesa e potente para os próximos capítulos dessa história.

Em última análise, a cisão ocorrida dentro do Movimento partiu de uma divergência de identidades individuais que não conseguiu ser suprimida na definição da identidade coletiva do grupo. Um conflito geracional acerca de modelos de organizações sociais entre o século XX e XXI.

É importante destacar, no entanto, que, ao final, o sentimento de pertencimento a uma ideologia de grupo superou as diferenças organizativas do mesmo. Autonomistas e partidaristas se uniram e juntos conquistaram até aqui parte do que se propunham.

Os laços relacionais foram a base das ocupações. A gente nunca teria passado tanto tempo nas ocupações se não tivéssemos criado laços afetivos tão fortes. (ROSA, Neemias)⁴⁶

As ocupações foram fundamentais pra eles se sentirem parte. “O colégio é meu”. E aí temos que salutar isso: quase ninguém ganha do Marconi. Se você pensar que uma molecada de catorze a vinte anos levou o Marconi às últimas consequências, ganhou do cara e derrubou o edital. Cara, é fenomenal! E você pensar o que eram essas pessoas e o que elas se tornaram. Não tem dezoito anos e têm uma vivência, um entendimento sobre o processo. Essa menina tem tudo pra botar fogo no mundo! (SANTANA, Deryk)⁴⁷

BIBLIOGRAFIA

⁴⁶ Entrevista realizada pelo autor com Neemias Rosa, estudante e ativista do Movimento Secundarista, em 31/05/16 em Goiânia.

⁴⁷ Entrevista realizada pelo autor com Deryk Santana, turismólogo, gestor cultural e ativista do Movimento Contra a Terceirização do Ensino, em 23/05/16 em Goiânia.

- FRANK, A.G. & FUENTES M.: *Dez Teses Acerca dos Movimentos Sociais*. Traduzido por Suely Bastos. Ed. Lua Nova. São Paulo, Junho 89 Nº 17.

-FALERO, A.: *Entre o rigor teórico-metodológico e a criatividade*, em *Movimentos Sociais na era global*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 2014.

-GOHN, M.G.: *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 2010.

-GOHN, M.G. & BRINGEL, B.M. (orgs.): *Movimentos Sociais na era global*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 2014.

- MELUCCI, A.: *Movimentos sociais, inovação cultural e o papel do conhecimento*. Novos Estudos Cebrap, nº 40. São Paulo. 1994.

- MIGNOLO, W.: *Capitalismo y geopolítica del conocimiento: el eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el debate intelectual contemporáneo*. Ed Del Signo. Buenos Aires. 2001

- MISCHE, A.: *Social Movement Dynamics – New Perspectives on Theory and Research from Latin America*. Ed. Ashgate Publishing. Londres, 2015.

- RICCI, R. & ARLEY, P.: *Nas Ruas – A outra política que emergiu em junho de 2013*. Ed. Letramento. Belo Horizonte, 2014.

- SINGER, A.: *Os Sentidos do Lulismo – Reforma gradual e pacto conservador*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2012.

- TARROW, S.: *O Poder em Movimento – Movimentos Sociais e Confronto Político*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 1997.

- TILLY, C.: *Movimentos sociais como política*. Traduzido por André Villalobos. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 3, Brasília, janeiro-julho de 2010.

-TILLY, C.: *Popular Contention in Great Britain, 1758-1834*. Cambridge: Harvard University Press, 1995

ANEXO

Anexo 1) Página de Facebook: SECUNDARISTAS EM LUTA - GO

DATA	CURT / COMPART	CONTEÚDO
08/12/15	68 / 6	ação (passeata)
08/12/15	61 / 11	ação (passeata)
09/12/15	169 / 27	ação (ocupação) - JCA

09/12/15	211 / 75	ação (ocupação)
09/12/15	216 / 54	envolvimento
10/12/15	213 / 146	convocação
10/12/15	109 / 39	convocação
11/12/15	189 / 6	envolvimento
11/12/15	224 / 21	envolvimento
12/12/15	81 / 62	informativo
12/12/15	211 / 29	envolvimento
12/12/15	208 / 74	envolvimento
12/12/15	542 / 186	ação (ocupação)
12/12/15	335 / 64	ação (ocupação)
12/12/15	234 / 71	convocação
12/12/15	149 / 129	denúncia
12/12/15	349 / 76	apoio
12/12/15	97 / 27	denúncia
12/12/15	160 / 36	denúncia
13/12/15	124 / 12	envolvimento
13/12/15	270 / 131	envolvimento
13/12/15	105 / 3	envolvimento
13/12/15	216 / 36	apoio
13/12/15	619 / 562 (agradecimento ao Mov. Sec. paulista)	apoio
13/12/15	180 / 17	envolvimento
13/12/15	90 / 18	denúncia
13/12/15	154 / 290	denúncia
14/12/15	309 / 173	denúncia
14/12/15	512 / 296	denúncia
14/12/15	314 / 58	ação (ocupação)
14/12/15	1002 / 1606 (conflito entre polícia e Movimento)	denúncia
14/12/15	286 / 74	denúncia
14/12/15	172 / 81	apoio
14/12/15	348 / 386	informativo
14/12/15	766 / 1317 (conflito entre polícia e estudantes)	denúncia
14/12/15	538 / 537	denúncia
14/12/15	316 / 89	denúncia
15/12/15	133 / 62	denúncia
15/12/15	182 / 42	informativo
15/12/15	884 / 781	convocação
15/12/15	257 / 63	convocação
15/12/15	485 / 170	convocação

15/12/15	436 / 223	envolvimento
16/12/15	306 / 103	convocação
16/12/15	414 / 137	envolvimento
16/12/15	426 / 143	denúncia
16/12/15	249 / 32	denúncia
16/12/15	310 / 35	denúncia
16/12/15	511 / 69	envolvimento
16/12/15	457 / 116	apoio
17/12/15	479 / 199	apoio
17/12/15	219 / 101	ação (ocupação)
17/12/15	846 / 213 (revitalização das escolas ocupadas)	envolvimento
17/12/15	168 / 73	informativo
17/12/15	179 / 192	envolvimento
17/12/15	155 / 67	informativo
18/12/15	1002 / 2652 (Governo corta água e gás de escolas ocupadas)	denúncia
18/12/15	1302 / 731 (ataque ao governo)	denúncia
18/12/15	269 / 108	ação (passeata)
18/12/15	858 / 1428	denúncia
18/12/15	132 / 36	denúncia
20/12/15	254 / 71	apoio
22/12/15	118 / 76	informativo
23/12/15	152 / 44	convocação
23/12/15	122 / 50	apoio
23/12/15	44 / 11	apoio
24/12/15	48 / 0	envolvimento
25/12/15	77 / 4	envolvimento
25/12/15	345 / 79	envolvimento
26/12/15	130 / 51	envolvimento
26/12/15	247 / 28	envolvimento
27/12/15	333 / 213	ação (protesto)
28/12/15	295 / 137	denúncia
28/12/15	258 / 80	envolvimento
28/12/15	360 / 761	denúncia
28/12/15	60 / 5	envolvimento
29/12/15	95 / 16	envolvimento
29/12/15	100 / 20	envolvimento
29/12/15	208 / 100	apoio
29/12/15	356 / 276	apoio
02/01/16	196 / 80	denúncia

03/01/16	1102 / 540 (Pré-Matrícula do JCA é aberta pelos estudantes em protesto)	informativo
03/01/16	136 / 63	envolvimento
03/01/16	252 / 97	apoio
04/01/16	620 / 439	denúncia
05/01/16	224 / 86	denúncia
05/01/16	136 / 68	apoio
06/01/16	476 / 751	envolvimento
06/01/16	310 / 189	envolvimento
09/01/16	122 / 109	apoio
10/01/16	700 / 403	envolvimento
11/01/16	183 / 77	denúncia
11/01/16	169 / 26	ação (protesto)
12/01/16	202 / 498	denúncia
14/01/16	124 / 72	denúncia
14/01/16	279 / 160	ação (ocupação)
16/01/16	253 / 60	apoio
16/01/16	161 / 154	denúncia
17/01/16	268 / 140	convocação
19/01/16	164 / 43	convocação
20/01/16	202 / 167	denúncia
21/01/16	185 / 51	convocação
21/01/16	426 / 127	apoio
22/01/16	648 / 392	envolvimento
22/01/16	39 / 2	envolvimento
23/01/16	183 / 86	denúncia
23/01/16	203/48	envolvimento
24/01/16	110 / 41	apoio
25/01/16	595 / 766	denúncia
25/01/16	694 / 651	denúncia
25/01/16	532 / 922	denúncia
26/01/16	242 / 262	denúncia
26/01/16	186 / 51	denúncia
26/01/16	848 / 897	denúncia
27/01/16	510 / 282	denúncia
28/01/16	289 / 89	apoio
01/02/16	282 / 138	denúncia
02/02/16	167 / 33	apoio
04/02/16	124 / 33	envolvimento
14/02/16	328 / 176	envolvimento
15/02/16	286 / 308	denúncia
15/02/16	260 / 103	ação (ocupação)

15/02/16	204 / 93	denúncia
15/02/16	487 / 645	denúncia
16/02/16	1002 / 1550 (charge satirizando prisões de manifestantes)	denúncia
16/02/16	407 / 137	denúncia
16/02/16	695 / 812	denúncia
16/02/16	448 / 222	convocação
17/02/16	1002 / 547 (audiência dos presos)	denúncia
17/02/16	138 / 45	denúncia
17/02/16	432 / 88	ação (protesto)
17/02/16	528 / 254	apoio
17/02/16	854 / 535 (soltura dos presos)	apoio
18/02/16	350 / 430	denúncia
18/02/16	39 / 2	denúncia
18/02/16	30 / 14	apoio
18/02/16	158 / 100	denúncia
18/02/16	737 / 512	envolvimento
19/02/16	466 / 311	envolvimento
19/02/16	652 / 478	envolvimento
21/02/16	38 / 4	convocação
22/02/16	77 / 18	ação (passeata)
22/02/16	153 / 133	informativo
22/02/16	349 / 76	apoio
23/02/16	102 / 47	informativo
26/02/16	312 / 178	informativo
01/03/16	196 (-38) / 110	convocação
08/03/16	191 / 233	convocação
08/03/16	105 (-6) / 130	denúncia
09/03/16	38 / 41	convocação
10/03/16	80 / 33	denúncia
10/03/16	25 ; 01	apoio
11/03/16	108 / 56	convocação
14/03/16	51 / 6	envolvimento
14/03/16	84 / 25	denúncia
15/03/16	148 / 76	convocação
16/03/16	78 / 41	denúncia
16/03/16	52 / 47	apoio
21/03/16	119 / 105	convocação
21/03/16	102 / 0	apoio
21/03/16	72 / 24	informativo
21/03/16	42 / 14	informativo
21/03/16	153 / 32	envolvimento

23/03/16	17 / 0	apoio
23/03/16	306 / 90	informativo
23/03/16	9 / 0	convocação
23/03/16	21 ; 1	envolvimento
23/03/16	23 ; 4	envolvimento
24/03/16	71 / 29	apoio
24/03/16	12 / 0	envolvimento
24/03/16	17 / 0	envolvimento
25/03/16	38 / 0	ação (protesto)
25/03/16	340 / 35	informativo
25/03/16	45 / 0	envolvimento
29/03/16	495 / 191	informativo
29/03/16	93 / 19	denúncia
30/03/16	27 ; 2	informativo
30/03/16	33 / 13	informativo

Anexo 2) Página de Facebook: Ocupe sua Escola – GO

DATA	CURT/COMPART	CONTEÚDO
10/12/15	363/540	ação (ocupação)
10/12/15	115/192	informativo
10/12/15	121/91	apoio
10/12/15	120/25	informativo
11/12/15	61/1	informativo
11/12/15	101/125	envolvimento
11/12/15	214/68	informativo
11/12/15	143/38	envolvimento
11/12/15	131/91	informativo
11/12/15	75/6	informativo
11/12/15	48/1	apoio
11/12/15	110/14	envolvimento
11/12/15	95/34	denúncia
11/12/15	105/2	envolvimento
11/12/15	86/18	convocação
11/12/15	147/21	envolvimento
11/12/15	36/0	convocação
12/12/15	91/14	envolvimento
12/12/15	75/14	apoio
12/12/15	31/0	apoio
12/12/15	69/1	envolvimento

12/12/15	43/3	envolvimento
12/12/15	40/0	envolvimento
12/12/15	56/11	apoio
12/12/15	47/4	informativo
12/12/15	77/1	envolvimento
12/12/15	123/87	informativo
12/12/15	79/0	apoio
12/12/15	107/0	apoio
12/12/15	80/0	apoio
12/12/15	109/12	denúncia
13/12/15	71/30	envolvimento
13/12/15	82/3	envolvimento
13/12/15	75/11 (apoio declarado pela UEE e UBES)	apoio
13/12/15	48/3	envolvimento
13/12/15	110/11	envolvimento
13/12/15	93/3	envolvimento
13/12/15	86/81	informativo
14/12/15	114/42	informativo
14/12/15	16/0	apoio
14/12/15	116/46	apoio
14/12/15	58/14	informativo
14/12/15	94/15	denúncia
14/12/15	248/173 (denúncia contra a truculência policia)	denúncia
14/12/15	148/25	informativo
14/12/15	107/13	apoio
14/12/15	90/25	apoio
14/12/15	168/261	apoio
14/12/15	91/16	apoio
14/12/15	168/46	envolvimento
14/12/15	82/20	apoio
14/12/15	186/52	envolvimento
15/12/15	81/22	convocação
15/12/15	61/2	envolvimento
15/12/15	155/147	convocação
15/12/15	221/27	envolvimento
15/12/15	48/0	denúncia
15/12/15	64/12	informativo
15/12/15	66/73	denúncia (charge)
15/12/15	86/23	apoio

15/12/15	101/2	envolvimento
15/12/15	196/40	envolvimento
15/12/15	181/103	informativo
15/12/15	180/100	informativo
15/12/15	126/37	apoio
15/12/15	116/28	envolvimento
15/12/15	68/3	apoio
15/12/15	74/3	ação (ocupação)
16/12/15	106/19	denúncia (mídia)
16/12/15	149/78	ação (ocupação)
16/12/15	52/11	apoio
16/12/15	130/27	ação (ocupação)
17/12/15	117/36	denúncia
17/12/15	98/32	envolvimento
17/12/15	206/45	envolvimento
17/12/15	85/3	envolvimento
17/12/15	71/13	apoio
17/12/15	161/79	envolvimento
17/12/15	124/46	apoio
17/12/15	145/11	envolvimento
17/12/15	147/32	envolvimento
17/12/15	182/294	denúncia
17/12/15	56/0	envolvimento
18/12/15	113/5	envolvimento
18/12/15	172/44	informativo
18/12/15	53/2	envolvimento
18/12/15	119/36	envolvimento
18/12/15	131/14	envolvimento
18/12/15	62/5	apoio
18/12/15	85/15	informativo
18/12/15	155/12	envolvimento
19/12/15	82/5	informativo
19/12/15	129/45	denúncia
19/12/15	116/30	apoio
19/12/15	292/107	envolvimento
19/12/15	158/42	apoio
19/12/15	90/12	envolvimento
19/12/15	110/12	envolvimento
19/12/15	130/29	informativo
20/12/15	105/38	envolvimento
20/12/15	39/14	denúncia
20/12/15	141/42	denúncia

20/12/15	142/24	envolvimento
20/12/15	80/0	denúncia
21/12/15	69/18	informativo
21/12/15	109/21	envolvimento
22/12/15	363/359 (reforma do Colégio ocupado)	envolvimento
22/12/15	257/65	apoio
22/12/15	32/1	envolvimento
23/12/15	131/98	envolvimento
23/12/15	236/138	informativo
23/12/15	143/103	apoio
23/12/15	209/22	envolvimento
23/12/15	34/5	informativo
23/12/15	133/31	envolvimento
23/12/15	109/53	apoio
24/12/15	51/0	envolvimento
24/12/15	218/75	envolvimento
24/12/15	117/35	convocação
24/12/15	334/115 (reforma do Colégio ocupado)	envolvimento
24/12/15	132/31	convocação
24/12/15	48/12	apoio (MCP)
24/12/15	174/17	envolvimento
25/12/15	104/0	envolvimento
25/12/15	171/48	envolvimento
26/12/15	53/2	envolvimento
26/12/15	78/14	denúncia
26/12/15	85/2	envolvimento
26/12/15	55/1	envolvimento
26/12/15	168/75	apoio
26/12/15	38/0	envolvimento
27/12/15	66/3	envolvimento
27/12/15	42/2	envolvimento
28/12/15	105/4	envolvimento
28/12/15	114/19	envolvimento
28/12/15	53/0	convocação
28/12/15	47/0	denúncia
29/12/15	37/0	denúncia
29/12/15	37/0	envolvimento
29/12/15	48/0	envolvimento
30/12/15	57/0	denúncia
31/12/15	107/12	envolvimento

01/01/16	75/0	denúncia
03/01/16	27/0	convocação
03/01/16	55/12	denúncia
03/01/16	77/0	convocação
04/01/16	267/156 (cadeiraço)	convocação
05/01/16	86/0	denúncia
05/01/16	98/46	denúncia
05/01/16	53/11	apoio
07/01/16	152/0	ação
07/01/16	44/0	denúncia
10/01/16	66/0	informativo
11/01/16	22/0	convocação
12/01/16	41/15	denúncia
14/01/16	33/0	envolvimento
14/01/16	87/0	ação (ocupação)
14/01/16	57/0	ação
14/01/16	43/18	denúncia
14/01/16	11/0	envolvimento
14/01/16	17/0	convocação
15/01/16	76/61	convocação
15/01/16	22/0	envolvimento
15/01/16	48/2	informativo
16/01/16	12/0	envolvimento
20/01/16	123/0	envolvimento
20/01/16	22/0	apoio
21/01/16	88/23	denúncia
21/01/16	112/23	ação
21/01/16	80/3	denúncia
21/01/16	116/17	apoio
22/01/16	155/74	denúncia
22/01/16	47/0	ação
23/01/16	106/0	envolvimento
24/01/16	135/15	informativo
24/01/16	40/0	denúncia
25/01/16	88/53	denúncia
25/01/16	89/27	informativo
25/01/16	162/28	envolvimento
25/01/16	197/123 (encapuzados contrários ao Movimento invadem o Robinho)	denúncia

26/01/16	90/12	denúncia
26/01/16	192/46	denúncia
26/01/16	18/0	convocação
26/01/16	104/0	apoio
26/01/16	228/54 (ocupação da SEDUCE)	ação (ocupação)
26/01/16	294/99	ação (ocupação)
26/01/16	288/135	denúncia
26/01/16	155/174	denúncia
26/01/16	181/0	denúncia
26/01/16	236/239	denúncia
27/01/16	164/84	informativo
27/01/16	87/34	apoio (MST)
28/01/16	190/83	apoio
28/01/16	139/0	apoio
28/01/16	109/34	apoio
29/01/16	132/51	apoio
29/01/16	49/40	apoio
29/01/16	236/328	convocação
30/01/16	42/0	denúncia
30/01/16	174/76	apoio
31/01/16	215/126	denúncia
02/02/16	77/28	denúncia
03/02/16	175/144	denúncia
04/02/16	48/12	envolvimento
04/02/16	124/37	denúncia
05/02/16	176/14	apoio
05/02/16	50/1	envolvimento
05/02/16	56/19	envolvimento
05/02/16	77/0	denúncia
05/02/16	40/11	envolvimento
06/02/16	12/0	envolvimento
06/02/16	46/1	envolvimento
06/02/16	72/2	envolvimento
06/02/16	106/80	denúncia
08/02/16	29/0	envolvimento
08/02/16	85/17	denúncia
08/02/16	103/1	envolvimento
09/02/16	210/84	denúncia
10/02/16	56/36	denúncia
10/02/16	110/39	denúncia
11/02/16	95/0	convocação

12/02/16	197/285	denúncia
13/02/16	48/3	convocação
14/02/16	198/142	convocação
14/02/16	153/117	ação
14/02/16	126/26	apoio
14/02/16	85/18	ação
15/02/16	118/23	ação
15/02/16	72/34	denúncia
15/02/16	60/18	envolvimento
16/02/16	125/63	denúncia
16/02/16	92/33	informativo
16/02/16	340/197 (MP quer suspender o edital das OS's)	informativo
17/02/16	100/13	denúncia
17/02/16	215/0	apoio
18/02/16	556/361 (Prisão do secundarista Wendell)	denúncia
19/02/16	74/0	denúncia
19/02/16	139/172	denúncia
19/02/16	93/14	denúncia
20/02/16	91/49	envolvimento
20/02/16	54/22	denúncia
20/02/16	40/25	denúncia
20/02/16	56/29	informativo
22/02/16	25/0	informativo
22/02/16	139/0	informativo
22/02/16	81/165	denúncia
23/02/16	25/0	informativo
01/03/16	41/68	informativo